



Classes desfavorecidas

Nas ruas, entretanto, o sentimento ainda é de medo com relação à ação de alguns policiais. Uma pesquisa da Caixa Seguros, realizada com 1.067 jovens brasileiros, com idade entre 18 e 24 anos, revela que 5% (classes D e E), 4% (classe C) e 2% (classes A e B) dos entrevistados já foram vítimas de agressão policial.

Os jovens das classes C/D/E têm mais do dobro de chance de serem vítimas de violência policial. Os policiais, assim como amigos e vizinhos, aponta o levantamento, são os principais alvos desta faixa de idade. Os números revelam, também, que correm maior risco de agressão os jovens negros que gostam de usar roupas com características específicas das tribos dos grafiteiros, skatistas e rappers — ou seja, tênis, bermudas largas, cuecas à vista, camisetas soltas, correntes ou colares no pescoço, tatuagens e bonés.

A situação já foi pior, comenta Nísio Tostes: "Já elimi-

namos das corporações grupos de extermínio, quadrilhas de ladrões e corruptos. Em Brasília, os casos de agressões são pontuais, não uma regra. Os bons salários, a boa formação do policial, somadas aos bons exemplos da cúpula, impedem que a impunidade exista".

O chefe de Operações e Planejamento da PM, tenente-coronel Suamy Santana da Silva, revela um outro lado da história. De acordo com ele, a autoria da maioria dos assassinatos de PMs nas abordagens policiais é de jovens. Ele cita dois. No primeiro, um adolescente de 17 anos, após matar um deficiente físico em um bar de Sobradinho, fugiu do local. Abordado mais à frente por um PM, o jovem descarregou a arma no policial. O outro caso foi em Brazlândia. Numa operação de rotina de trânsito, o policial pediu que o motorista de uma caminhonete S-10 parasse para averiguação. O condutor não obedeceu e matou o policial.